

# Trump recebe Zelensky e Netanyahu na Casa Branca

Americano tratou sobre o conflito na Ucrânia e a crise no Oriente Médio

## / RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A Casa Branca recebeu ontem uma sequência de encontros que pode definir os próximos passos da política externa de Donald Trump em dois dos principais conflitos internacionais: a guerra na Ucrânia e a crise no Oriente Médio.

O primeiro a chegar foi o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, que foi visto na Casa Branca pouco depois das 9h45min (no Brasil, 10h45min) e deixou o local cerca de 11h local. Pelas redes sociais, o ucraniano disse que teve uma boa reunião com Trump.

“Obrigado por tudo o que fazemos juntos para proteger as vidas dos ucranianos e avançar a paz. Antes de mais nada, ofereci ao presidente Trump as nossas condolências pelo falecimento de Lindsey Graham. Ele foi um verdadeiro amigo da Ucrânia”, afirmou o ucraniano pelo X (ex-Twitter).

O presidente da Ucrânia disse que foram discutidas licenças para a produção de interceptores e “várias outras ideias que poderiam ajudar”. “Também falamos sobre diplomacia. É importante que o processo diplomático seja revigorado. As nossas equipes vão organizar os detalhes da sua comunicação futura”, disse ele que voltou a agradecer os EUA pelo “firme apoio”.

Em seguida, Trump recebeu



Foi a primeira vez que os dois se reuniram desde o início da guerra no Irã

o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, para uma reunião que também aconteceu às portas fechadas. Esta é a primeira vez que os dois chefes de Estado se reúnem desde o início da guerra no Irã, iniciada exatamente há seis meses, em 28 de fevereiro. Antes do conflito começar, eles se encontraram reservadamente na Casa Branca em fevereiro.

A reunião desta terça-feira ocorreu em meio a incertezas sobre a estratégia americana para a região. Trump ainda não indicou se pretende pressionar por uma solução negociada ou apoiar uma intensificação das operações militares.

Pelas redes, antes de embarcar para Washington, Netanyahu disse que a reunião deve contemplar todos os temas, com

destaque para o Irã. “Nosso objetivo é claro: preservar a segurança de Israel, fortalecer seu poder e expandir o círculo de paz ao nosso redor”, disse.

Embora Graham tenha sido um dos mais duros críticos de Trump durante a campanha presidencial de 2016, a relação entre os dois mudou radicalmente ao longo dos anos. O senador se tornou um dos conselheiros mais próximos do presidente, parceiro frequente de golfe e uma das vozes mais influentes da Casa Branca em temas de política externa.

Antes de morrer, Graham comandava um esforço para aprovar um novo pacote de sanções contra a Rússia. Sua atuação fez dele um dos parlamentares mais influentes em política externa, tanto em Washington quanto no cenário internacional.

# Keiko Fujimori toma posse e fala em usar o Exército no combate ao crime

## / PERU

Keiko Fujimori tomou posse como presidente do Peru ontem, 26 anos depois do fim da ditadura de seu pai, com um discurso duro em relação à segurança pública - em linha com a campanha que a levou ao poder após três tentativas frustradas. “Vamos recuperar cada bairro, cada estrada, cada espaço público para as famílias peruanas”, afirmou a política no Congresso Nacional, onde seu partido, o Força Popular, tem maioria em ambas as Casas.

“Vamos usar todas as ferramentas que a Constituição põe à disposição. Durante os estados de emergência, as Forças Armadas assumirão temporariamente a liderança das operações de segurança e controle interno”, afirmou.

A declaração se deu após um diagnóstico duro da situação do país, que ela classificou de catastrófica, apesar do domínio de sua sigla nas diversas instituições da nação na última década, marcada pela instabilidade que levou nove

políticos à presidência.

Antes de seu discurso, membros da oposição, incluindo o Junto pelo Peru, partido do derrotado nas eleições de junho, Roberto Sánchez, deixaram o plenário enquanto apoiadores aplaudiam a agora presidente.

A posse de Keiko marca a volta do fujimorismo em meio a uma onda de direita na América do Sul. Estavam presentes muitos dos expoentes da tendência, como Daniel Noboa (Equador), Santiago Peña (Paraguai), Javier Milei (Argentina), José Antonio Kast (Chile) e Rodrigo Paz (Bolívia). O governo de Luiz Inácio Lula da Silva foi representado pelo chanceler Mauro Vieira. Já o Uruguai, um dos únicos países governados pela esquerda ao lado do Brasil na região, enviou o presidente, Yamandú Orsi.

Na tribuna do Congresso estavam suas duas filhas, e dois de seus irmãos. Chamou a atenção a ausência de seu irmão mais novo, Kenji Fujimori, que disputou com ela a liderança da Fuerza Popular em 2018 e acabou expulso do partido.



Keiko assumiu com a promessa de devolver cada espaço ao povo peruano

# ‘Sempre houve insultos de ambos os lados’, diz porta-voz de Milei sobre crise com Lula



Milei insultou Lula durante ato de lançamento de Flávio Bolsonaro

## / RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O porta-voz da Casa Rosada afirmou ontem que “sempre houve insultos de ambos os lados” ao comentar a crise entre Argentina e Brasil após o presidente Javier Milei chamar Luiz Inácio Lula da Silva (PT) de ladrão durante o lançamento da candidatura de Flávio Bolsonaro (PL), em São Paulo.

“Se tomarmos o caso do Brasil, é evidente que sempre houve insultos de ambos os lados. Penso que se tratam de diferenças ideológicas e políticas, mas a Argentina nunca levou essas diferenças para o âmbito diplo-

mático”, afirmou Adrian Ravier, porta-voz do ultraliberal.

“Milei é um dos principais líderes do movimento que busca promover ideias pró-mercado. Os Bolsonaros, no Brasil, são amigos e aliados nessa ideia. Lula se opõe a essa ideia, e creio que as diferenças são claras e fazem parte de uma questão ideológica e política, mas não acreditamos que isso impactará as relações diplomáticas entre os dois países, ou pelo menos não do lado argentino”, continuou.

A declaração foi dada em resposta a uma pergunta sobre a suposta participação financeira de Brasil, México e o Partido De-

mocrata, dos Estados Unidos, na onda anti-Argentina que tomou conta das redes sociais na Copa do Mundo. A acusação foi feita sem provas por Milei no domingo, 26 de julho, em entrevista a uma rádio local.

“Vocês sabem quem investiu mais dinheiro nessa campanha anti-Argentina? O governo brasileiro”, afirmou o ultraliberal na ocasião, sem apresentar qualquer evidência. “Vinte e cinco por cento dos recursos vieram do governo brasileiro. E depois eles vêm falar em interferência.”

A declaração parece fazer parte de uma estratégia do governo de tentar responsabilizar

a oposição e críticos em geral pelo fenômeno - tese que o porta-voz repetiu nesta terça, embora o próprio Milei seja uma das causas da impopularidade do país.

“Existe uma hipótese de que a esquerda esteja, de alguma forma, fomentando essa campanha anti-Argentina para minar a ideia de que o modelo argentino consegue tirar as pessoas da pobreza, da miséria, reduzir a inflação, gerar produção e exportações recordes, e assim por diante”, afirmou o porta-voz nesta terça, sem dar uma fonte das acusações do presidente, como havia solicitado o jornalista.